

O CORPO COMO SUPORTE DA ARTE

Autora

Beatriz Ferreira Pires, São Paulo: Ed. Senac, 2005.

Resenhista

Rogério Bianchi de Araújo
Professor de Filosofia da Universidade
Municipal de São Caetano do Sul
– IMES.

O corpo ganha hoje um enorme destaque na sociedade contemporânea. Nunca se falou tanto sobre a corporeidade. Assuntos como dietas alimentares, cirurgias plásticas, sedentarismo etc., ilustram as páginas de revistas e jornais. Livros de auto-ajuda, que orientam como lidar com o corpo, representam uma parcela significativa das vendas das editoras. Ao mesmo tempo que há esse destaque especial para o corpo, também podemos enxergar um verdadeiro processo de banalização deste. Há um crescente procedimento de implantes, transplantes e reimplantes que são impostos pela força da mídia. O corpo passa a ser perfeitamente remodelado tanto de forma natural como artificial, e eleva o desejo de ser desejado à máxima potência.

O livro da arquiteta e artista plástica Beatriz Ferreira Pires corresponde à dissertação de Mestrado da autora, realizado na UNICAMP/SP, pelo Instituto de Artes. A forma como aborda o tema destoa dos padrões reverenciados pela mídia. Beatriz trata do corpo como suporte da arte, constituidor de identidade, criador de novas simbologias. Um corpo esculpido, referen-

dado, enaltecido, mutilado, perfurado, invadido, enfim, um corpo cultuado e recriado como obra de arte.

Nos dois primeiros capítulos, Beatriz destaca a história da representação social do corpo, desde os primórdios até os nossos dias, para então ressaltar a *body modification* ao reconstruir, replicar e reprojeter o corpo como suporte da arte.

Sem dúvida, o tempo é hoje visto de forma muito diferenciada do que foi nas épocas anteriores. Devido à intensa atividade cotidiana e, também por falta dela, podemos apontar que esses seriam alguns fatores fundamentais para explicar o aumento da violência e que corrobora significativamente para a banalização do corpo, exposto como uma mera mercadoria.

Apesar de existirem muitos modismos relacionados ao corpo, o objetivo deste livro é enfatizar as pessoas que compartilham de idéias e ideais em relação às modificações corporais, isto que é chamado de *body modification*. Faz com que o corpo, que antes era perfeitamente reconhecível, torne-se diverso e surpreendente.

Em hipótese alguma podemos dissociar no texto de Beatriz a relação corpo e

cultura. Já no Egito Antigo a arte tinha o corpo como referência, pois o objetivo principal era assegurar o retorno da alma do rei depois de morto, daí a mumificação, técnicas de embalsamamento etc. Com os gregos, o ser esculpido se liberta da posição estática e inanimada e assume uma postura próxima à do humano, trata-se do período em que o divino e o humano se confundem. No Império Romano, tem-se a forte influência da religião cristã. O cristianismo deposita no corpo a responsabilidade pelo espírito. Prega o desapego da matéria e enaltecimento do espírito. É este que vai identificar o homem e não mais o corpo. Privilegia-se portanto, a experiência espiritual em relação à sensorial. A forma física não era cultuada e combatia-se a libido. Além disso, o corpo deixa de ser representado nu.

O conceito de moda iniciou-se no final da Idade Média com o surgimento de vestimentas específicas para cada sexo. Moda, a partir desse momento, é considerada prazer. Essa época corresponde a um período em que Leonardo da Vinci e Michelangelo destacaram-se pela representação que fizeram do corpo humano, pois

ambos se utilizaram das técnicas de dissecação de cadáveres para estudar anatomia. No decorrer do século XVI, a moda foi adquirindo características muito rígidas e até desconfortáveis, como o rufo, o *codpiece* (uma espécie de tapa-sexo), o corpete, a anágua e o acolchoado. No estilo barroco, entre 1600 a 1750, período marcado pelo embate entre ciência e religião, enaltece-se a circulação do sangue e do oxigênio e é ressaltada a idéia de movimento mecânico. Higiene e saúde estão diretamente ligadas ao conceito de circulação nessa época. A ciência médica influencia os costumes e a moda. Em outras palavras, a arte barroca é marcada pela caracterização cênica dos corpos. Entre os elementos introduzidos na moda do século XVII, destaca-se o salto alto para ambos os sexos e a pinta no rosto. No século XVIII, o que dá o tom são as perucas masculinas.

A moda se insere de forma definitiva a partir do século XIX, com a chegada da mecanização, principalmente com o advento da máquina de costura. Ainda no século XIX, surge a figura do dândi e o espartilho volta a ser usado. Mulheres pálidas eram mais respeitadas que as mulheres com aparências saudáveis, consideradas vulgares. Na área médica e biológica surgem as técnicas cirúrgicas e a difusão da vacina. A tecnologia, a industrialização e o sistema capitalista tiram do corpo a dimensão humana e o transformam num instrumento de trabalho. Entre

1870 e 1880 desenvolve-se nos EUA a cultura física como demonstração de força e virilidade, inicia-se dessa forma o culto ao corpo.

Depois desse enriquecimento histórico que compreende o período que vai do Egito ao século XIX, Beatriz procura fazer a história da representação social do corpo no século XX. A autora aponta para as mudanças no século XX que foram de fundamental importância para alterar a forma do comportamento humano. Freud, com o livro *A interpretação dos sonhos* apresenta um novo modo de compreendê-lo. Segundo a autora, a escolha dos adornos para o corpo tem origem nos elementos resgatados do inconsciente e transformados onde o indivíduo cria uma linguagem codificada. A partir de 1930, ano em que Freud publica *O Mal-estar na civilização*, a multidão é substituída pela massa. Instala-se a divisão entre arte culta e cultura de massa. Aparecem as marcas da exclusão social, como por exemplo a dos judeus no período nazista. Em 1943 surge o conceito de código genético e a estrutura do DNA. As ciências vão assim aprofundando o seu conhecimento sobre o corpo humano criando muitas novas possibilidades.

A moda no século XX é marcada por grandes modificações, influenciadas pelo uso do corpo nas artes plásticas nas obras de artistas como Francis Bacon e Jackson Pollock. Os anos 1960 são de grande efervescência. Ocorre a queda dos limites

entre as formas tradicionais de representação e a valorização do corpo. Surge o movimento hippie, a contracultura, a revolução sexual e o ideal da sociedade alternativa, além do happening como forma de expressão artística em que se valoriza a espontaneidade e o improvisado. Na década de 1960 também surge a moda unissex e o conceito de estilo, isto é, o estar na moda. Em suma, trata-se de uma época marcada pela revolução sexual e pela moda fetichista.

Os anos de 1970 são marcados pela massificação da moda, que tem no jeans seu expoente máximo. Inicia-se a homogeneização jeans e camiseta. A tatuagem aparece como a primeira técnica de modificação assimilada pela sociedade e incorporada pela moda. A partir desse período, o uso de técnicas que possibilitam ao indivíduo adquirir características não similares às inatas, aplicadas ao corpo por meio de perfurações, cortes, queimaduras e cirurgias é o que interessa especificamente à pesquisa de Beatriz.

Anos 1980 e 1990 caracterizam-se por um espírito ambíguo, fragmentário e plural. A autora destaca a pós modernidade e globalização, assim como o conceito de pluralidade. O indivíduo agora tem liberdade para escolher o seu estilo e preza a singularidade. Moda e mídia estão associadas e buscam quebrar todos os tabus e preconceitos. No entanto, há uma crítica procedente levantada pelo livro, que não pode de for-

ma alguma passar despercebida. O tempo em que vivemos, de crises e perda de referências, fez com que perdessemos um de nossos sentidos principais que é o tato, ou seja, não precisamos mais ter a presença corporal do espaço onde a ação acontece, por efeito da televisão e do computador. Promove-se um isolamento e distanciamento em relação a outros corpos.

Uma outra indagação interessante e que desperta a atenção é a seguinte: Se o homem é feito à imagem e semelhança de Deus, e se Deus é perfeito e supremo, por que motivo o homem quer mudar sua aparência? Essa é uma das questões levantadas pela autora, talvez uma questão de cunho um tanto quanto religioso, quando fecha essa brilhante digressão histórica através da representação social do corpo. Leva-nos a uma viagem sem parada, quase que como um enredo de uma novela envolvente, sobre a qual não queremos perder nenhum capítulo.

Nos últimos capítulos do livro, onde a *body modification* é realçada, a autora destaca inicialmente Fakir Musafar, criador do termo *modern primitives*, em 10 de agosto de 1930 em South Dakota, cuja afirmação é a de que a ciência não é outra coisa senão magia. O termo surge em 1967, para indicar o modo de vida de indivíduos que se guiam pela intuição e colocam o corpo físico como o centro de suas experiências. No pensamento de Fakir a autora destaca três fatores ligados

às práticas de modificações corporais: a magia, a dor e o tempo. Segundo os adeptos do *modern primitives*, a magia deveria nortear e dar sentido à vida e às ações. A dor física é inexistente, os indivíduos atingem o estado alterado de consciência, deixam de sentir dor e passam a observá-la. Ela é necessária para que haja vida, crescimento, amadurecimento. Quanto ao tempo, no *modern primitives*, todos vêm o corpo como um local habitado pela mente e pelo espírito. Realmente são impressionantes os exemplos e relatos das experiências corporais levantados por Beatriz, referente aos adeptos do *modern primitives*.

A autora considera a *body modification* como um ritual de passagem. Segundo Fakir Musafar, o rito de passagem leva à alteração da consciência e, como consequência, ao amadurecimento intelectual, emocional e espiritual do indivíduo. A *body modification*, para a autora, é a relação corpo-objeto, é independente da relação tempo-espaço. Não há distinção entre o artista e a obra, entre o sujeito criador e o objeto criado. O tempo de exposição é o tempo de vida do indivíduo. A obra é determinada pelo inconsciente, pelo afeto.

No livro há destaque para duas considerações fundamentais a respeito da *body modification*: em primeiro lugar, transformar o corpo permite que o indivíduo se sinta parte de uma outra realidade, e em segundo lugar, ao fixar no corpo, por livre iniciativa, ele faz

com que a intervenção corporal aja como um elo que unifica a dualidade existente entre o corpo físico e o corpo espiritual/mental.

A linguagem que se apresenta por meio de registros cravados no corpo vem se expandindo paralelamente ao rápido crescimento de outras duas categorias: o telefone móvel e o computador. Mas creio ser prematuro afirmar que as marcas corporais estariam substituindo a linguagem oral e a escrita sendo substituída pela linguagem da imagem. No entanto, Beatriz afirma que possuir registros corporais permite que o indivíduo mantenha com eles um contato visual e tátil permanente, pois o corpo passa a contar a história deste.

Um dos intuitos da obra de arte, segundo a autora, é abalar a idéia que o indivíduo tem de si mesmo. Com o avanço tecnológico, abre-se a possibilidade do corpo ser redesenhado, reprojetoado, replicado. A *body modification* possibilita ao indivíduo tornar-se diferente de todos e de si mesmo num processo de hibridismo, entre homem, ciência e tecnologia, que permite reestruturar, reconstruir e aperfeiçoar o corpo humano.

Será que os nossos corpos é que irão dar o grito da moda num futuro próximo? Com essa rica pesquisa muito bem-escrita e dialogada com o leitor, Beatriz Ferreira Pires nos lega uma importante obra para análise e reflexão, numa época marcada pelas incertezas, onde corpos mutáveis são absolutamente coerentes.